

Bate forte, coração!

ERIKA KLINGL

DA EQUIPE DO CORREIO

O coração de João Batista, de 58 anos, não batia tão forte há muito tempo. São batidas que devem soar como as músicas de Frank Sinatra, de Hermeto Pascoal ou como os grandes sucessos da Jovem Guarda. Mais apaixonado pela vida do que nunca, ele toca, ao mesmo tempo, cinco teclados. A estrutura é de quase 2m de altura e Maestro Joãozinho, como gosta de ser chamado, precisa se esticar todo para alcançar o mais alto deles, responsável por reproduzir os sons de instrumentos de corda. Seus ágeis dedos recriam uma orquestra. Só de CDs gravados, já tem mais de 20.

Quem vê Joãozinho e seus teclados mal acredita que há apenas 40 dias o músico — vindo da Paraíba no início da década de 70 para Samambaia — esteve entre a vida e a morte numa cama de hospital. No final de janeiro, depois de um violento infarto ele não só foi salvo como entrou em uma das pesquisas mais avançadas do mundo em tratamento de doenças do coração que, no Distrito Federal, é feita no Instituto do Coração (Incor). “Viva Deus e viva a ciência!”, agradece o tecladista.

Assim como ele, Telmo Heinem, de 67 anos, comemora a chance de ter entrado em contato com um tratamento de primeiro mundo na capital do país. “Algumas pessoas se recusaram a ser cobaias. Nunca fui tão bem atendido como no tratamento”, afirma. Já Edilson Bezerra da Costa, de 43 anos, brinca com o susto. “Sem as células-tronco, não sobreviveria à minha separação”, provoca. O divórcio de Edilson, há dois meses, foi o segundo teste em menos de um semestre. A primeira grande provação do coração do botafoguense que mora em Planaltina ocorreu em outubro, quando, por causa de um infarto, ele perdeu mais da metade da capacidade de contração. Nos dois testes, o coração foi aprovado. “Passei por poucas e boas, mas estou vivo e me virando bem”, comemora.

Os três são os únicos do DF a entrar no estudo, que deve abranger 300 pacientes. No país, até agora, foram nove. Edilson foi o primeiro deles. “Eu estava no Setor de Autarquias Sul, indo tomar a lotação. Entrei, reclamei de dor no braço e o motorista já me deixou ali no Hran”, conta. Mas, ainda assim, o tempo em que a artéria bloqueou a passagem do san-

Fotos: Cadu Gomes/CB



JOÃO BATISTA, QUE ESTEVE ENTRE A VIDA E A MORTE DEPOIS DE UM INFARTO, PARTICIPA DA PESQUISA NO INCOR-DF: “VIVA DEUS E VIVA A CIÊNCIA!”, DIZ

gue fez o coração do serralheiro perder parte da capacidade de contração. De acordo com os médicos, os exames mostram que o tratamento no Incor trouxe de volta boa parte da eficiência das funções cardíacas de Edilson aos níveis anteriores ao infarto.

Duplo cego

O procedimento começa com uma punção no quadril do paciente. Os médicos retiram entre 80ml e 100ml do sangue da medula óssea. A amostra é levada para um laboratório no próprio hospital, onde um hematologista prepara um substrato de sangue de 10ml, contendo cerca de 100 milhões de células-tronco. Essa porção de sangue é levada, por meio de um catéter, diretamente até a área do coração com o tecido danificado. O tamanho do corte no corpo para introduzir o catéter não ultrapassa 2mm de espessura. “Sinto um pouco de falta de ar quando caminho muito ou pego peso, mas não posso querer mais do que acordar todos os dias de manhã e saber que ainda tenho a chance de ver minhas lindas filhas crescerem”, emociona-se Edilson.

“Amo estar vivo e estou até tocando melhor depois desse tratamento”, comemora João Batis-



CORÇÃO DE EDILSON RECUPEROU AS FUNÇÕES: “NUNCA FUI TÃO BEM ATENDIDO”

ta, o mais recente no estudo. “Os médicos dizem que não sabem se eu recebi ou não as tais células-tronco. Não tenho dúvida:

recebi e elas fizeram um efeito danado”, brinca.

O mistério que vira piada na boca do músico é uma das principais

particularidades da pesquisa da qual participa. O estudo é feito com metodologia de “duplo cego”, o que quer dizer que nem ele, nem os médicos têm certeza se as células-tronco foram realmente transplantadas para o coração. Dos 300 participantes da pesquisa, metade receberá células-tronco. A outra metade será atendida com uma dose de placebo, que é um material inócuo e sem efeito terapêutico.

“Nem os pacientes, nem os médicos saberão o que está sendo injetado no coração”, explica Adriano Caixeta, diretor do Incor e médico responsável pela pesquisa no DF. “A vantagem de um trabalho assim é não ter um resultado viciado. O médico não vai ser tendencioso na hora de avaliar o paciente.”

Apesar de parecer maldade com a metade dos pacientes cobaias, nenhum deles será prejudicado porque todos receberão o tratamento convencional para sua cardiopatia e serão acompanhados durante um ano pela equipe do Incor. Para produzir dados que permitam a comparação entre transplantados e não-transplantados, a informação sobre o conteúdo do substrato é exclusiva dos hematologistas que o preparam e só será divulgada no fim da pesquisa.

TIRA-DÚVIDAS

1 O que é célula-tronco?

É um tipo de célula que pode se diferenciar e constituir diferentes tecidos no organismo. A utilização representa a possibilidade de tratamento para grande número de doenças que atingem a população. São uma espécie de curinga do organismo, porque podem se transformar nos mais de 200 tecidos do corpo humano. Por isso, podem recompor tecidos danificados. Os cientistas acreditam que células-tronco podem ajudar a tratar várias doenças como o mal de Parkinson, o câncer e problemas cardíacos sérios.

2 O que é terapia com células-tronco?

É uma terapia celular para tratar de doenças e lesões por meio da substituição de tecidos doentes pelas células saudáveis. Por exemplo, o transplante de medula óssea para tratar pacientes com leucemia é um método de terapia celular já conhecido e comprovadamente eficiente. A medula óssea do doador contém células-tronco sanguíneas que vão fabricar novas células sanguíneas sadias.

3 Só existe um tipo de célula?

Não. Existem dois tipos de células-tronco: as extraídas de tecidos maduros de adultos e crianças ou as retiradas de embriões. As retiradas de tecidos maduros, como a medula óssea, são mais especializadas e dão origem a apenas alguns tecidos do corpo. Por outro lado, as retiradas de embriões têm maior versatilidade. As células-tronco que serão utilizadas no estudo são retiradas de tecidos do próprio paciente.

4 Como é feito o transplante cardíaco de células-tronco adulta como o que ocorre no Incor DF?

Por punção, são retirados entre 50ml e 100ml da medula, na região da bacia do paciente. Esse material passa por um processo de separação, isolando todas as células. Dessas, calcula-se que uma em cada 100 mil seja célula-tronco, que será introduzida na região afetada.

Esperança para doença de Chagas

Depois das três experiências com vítimas de infarto agudo no DF, o Incor vai começar, ainda este mês, a usar células-tronco para tratar outros dois tipos de doenças cardíacas. O hospital recebeu autorização para usar as células em doentes de Chagas — transmitida pela picada do barbeiro e que pode resultar na inflamação do miocárdio, responsável pelo bombeamento de sangue e aumento no volume do coração. Já existem 20 pacientes na fila do Incor. O Centro-Oeste

é uma região com muitos casos de contaminação.

Também serão atendidos no DF pacientes com problemas cardíacos de progressão lenta, que pode ter seu início na infância. É a doença coronariana crônica. Coordenado pelo Instituto de Cardiologia de Laranjeiras, no Rio de Janeiro, o estudo está previsto para durar até que 1.200 pacientes sejam tratados com a técnica de injeção de células-tronco no coração. Além das três cardiopatias atendidas no Incor,

uma quarta corrente do estudos, quando o coração fica doente sem motivo, pode vir a ser aplicada no DF até o fim do ano.

A iniciativa pode colocar o Brasil à frente de vários países. O sangue retirado de cada um dos pacientes será dividido em duas ampolas. A primeira delas servirá para a injeção de células-tronco no coração do portador da cardiopatia. A segunda será enviada para o Instituto de Laranjeiras para que seja possível entender as características dessas células, que são

consideradas o curinga do corpo humano, capaz de se transformar nos mais variados tecidos do organismo. “Será possível descobrir se pacientes com diferentes características têm mais ou menos células, por exemplo”, explica o cardiologista Adriano Caixeta, diretor do Incor de Brasília, responsável pelo estudo aqui no DF.

Os dois anos de estudo nos 33 centros de cardiologia espalhados pelo país custarão aos cofres do governo federal cerca de R\$ 13 milhões. Parece muito, mas o inves-

timento é um ótimo negócio. Enquanto o procedimento de um transplante de coração tem custo médio de R\$ 25 mil, com R\$ 10 mil é possível realizar um implante de células-tronco. Estima-se que mais de 6 milhões de brasileiros sofram de cardiopatias. E, caso a pesquisa aponte resultados positivos e o implante de células-tronco for instituído no tratamento dessas cardiopatias, o governo pode economizar até R\$ 37 milhões por mês entre consultas, internações e procedimentos. (EK)